Entre Silêncios e Sinais: O Ensino de História para Surdos no Maranhão sob a Perspectiva do Letramento Histórico

Tiago Ferreira Veras
Universidade Estadual do Maranhão
Simone Pereira Pinheiro
Universidade Federal do Maranhão
Jakson dos Santos Ribeiro
Universidade Estadual do Maranhão

Resumo: Este artigo analisa práticas e discursos relacionados ao ensino de História para estudantes surdos no Maranhão, a partir da perspectiva do letramento histórico e das epistemologias visuais da surdez. Fundamentado em pesquisa qualitativa e análise documental, o estudo examina materiais acadêmicos e culturais que envolvem a utilização da Língua de sinais brasileira (Libras ou LSB), do *SignWriting* e de narrativas locais como as lendas maranhenses, observando avanços e limites em propostas pedagógicas bilíngues. Os resultados evidenciam que, embora haja iniciativas significativas voltadas à acessibilidade, como livros infantis bilíngues e projetos de contação de histórias, ainda predominam obstáculos como a ausência de formação docente específica, a escassez de glossários visuais de termos históricos e o uso incipiente da escrita de sinais no contexto escolar. Conclui-se que é necessário superar a lógica da adaptação para uma reconfiguração do ensino de História a partir das formas surdas de produzir e narrar o conhecimento histórico.

Palavras-chave: Ensino de História; Língua de sinais brasileira; Epistemologia surda.

Between Silences and Signs: History Teaching for the Deaf in Maranhão from the Perspective of Historical Literacy

Abstract: This article analyzes practices and discourses related to History teaching for deaf students in Maranhão, based on the perspective of historical literacy and visual epistemologies of deafness. Grounded in qualitative research and document analysis, the study examines academic and cultural materials involving the use of Brazilian sign language (Libras or LSB), SignWriting, and local narratives such as Maranhão legends, highlighting both advances and limitations in bilingual pedagogical proposals. The findings reveal that, although there are meaningful accessibility-oriented initiatives—such as bilingual children's books and storytelling projects, barriers persist, including the lack of specific teacher training, the absence of visual glossaries for historical terminology terms, and the incipient of sign writing in schools. The study concludes that it is necessary to move beyond the logic of adaptation and toward a reconfiguration of History teaching based on deaf ways of producing and narrating historical knowledge.

Keywords: History teaching; Brazilian sign language; Deaf epistemology.

1. Introdução

O ensino de História, tradicionalmente estruturado a partir da linguagem oral e escrita, sustenta-se em práticas que privilegiam uma epistemologia fonocêntrica e ouvintista. Esse modelo, ao ser replicado em contextos inclusivos, tende a converter a inclusão de estudantes surdos em mera adaptação de formas, sem reconfiguração de fundo. No Maranhão, essa tensão se evidencia nas dificuldades enfrentadas por

tiagoveras@gmail.com, simonepinheiro301@gmail.com, jakson.77@hotmail.com

professores e intérpretes ao lidarem com uma comunidade que opera em uma lógica visual, gestual e cultural distinta.

A Libras, como língua de sinais reconhecida legalmente, tem sido apontada como um instrumento de mediação no processo educativo. No entanto, reduzir o bilinguismo ao simples uso da Libras como canal de tradução de conteúdos ignora sua função constitutiva na construção da identidade e do conhecimento surdo. Nesse sentido, o ensino de História não pode se restringir a ser “traduzido” para Libras; ele precisa ser recriado a partir das experiências visuais, espaciais e culturais dos sujeitos surdos.

Partindo dessa perspectiva, este artigo propõe tensionar o ensino de História em contextos bilíngues, com foco na realidade maranhense, à luz das epistemologias visuais e do letramento histórico. Considera-se que o letramento histórico, compreendido como a capacidade de compreender criticamente o passado e seus usos sociais, só é plenamente acessível ao sujeito surdo quando mediado por práticas pedagógicas visuais, bilíngues e culturalmente situadas.

A pesquisa adota abordagem qualitativa e se fundamenta na análise documental de produções acadêmicas e culturais elaboradas no Maranhão entre 2010 e 2024. São priorizados materiais que envolvam práticas de ensino bilíngue em História, uso da Libras, *SignWriting*, tecnologias visuais e narrativas locais como as lendas maranhenses.

A relação entre memória e história é essencial para pensar os processos de construção identitária. Segundo Jacques Le Goff (1990), memória e história são diferentes, mas interdependentes: a memória é afetiva, seletiva e coletiva, enquanto a história busca a análise crítica e distanciada do passado. Ele afirma que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (Le Goff, 1990, p. 477). Assim, enquanto a memória reforça laços de pertencimento e continuidade, a história permite questionar e reinterpretar essas narrativas. No caso da comunidade surda, reconhecer a memória coletiva como base para o ensino de História é também reconhecer seus símbolos, experiências e formas próprias de narrar o passado.

A questão que orienta este estudo é: de que forma o ensino de História pode ser ressignificado a partir das epistemologias surdas, rompendo com a lógica compensatória da inclusão? Como objetivo geral, busca-se analisar práticas e discursos que tratam da

tiagoveras@gmail.com, simonepinheiro301@gmail.com, jakson.77@hotmail.com

educação histórica de estudantes surdos no Maranhão, com ênfase na relação entre linguagem, cultura e identidade.

O artigo está organizado em cinco seções: a primeira introduz o problema, os objetivos e o referencial crítico adotado; a segunda apresenta os materiais e métodos utilizados na pesquisa; a terceira discute os referenciais teóricos e os resultados da análise documental; a quarta aprofunda a discussão à luz da produção local e das contradições observadas; e a quinta propõe caminhos possíveis para um ensino de História ancorado na cultura visual e na autoria surda.

2. Material e Métodos

Este artigo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório e interpretativo, voltada à compreensão crítica de práticas pedagógicas relacionadas ao ensino de História para estudantes surdos no Maranhão. A opção metodológica não se limita à descrição de experiências, mas busca tensionar concepções e discursos que sustentam determinadas abordagens educativas, sobretudo aquelas centradas na perspectiva ouvinte de ensino.

O corpus da pesquisa é composto por documentos acadêmicos e culturais produzidos entre os anos de 2010 e 2024, com ênfase em materiais originados em contextos maranhenses. Foram selecionadas três categorias principais de fontes: (a) dissertações e artigos sobre ensino de História para surdos; (b) produções didáticas e culturais acessíveis em Libras e/ou *SignWriting*; e (c) registros institucionais de projetos pedagógicos bilíngues desenvolvidos em escolas da rede pública estadual ou em centros de apoio à inclusão, como o Centro de Educação Especializado Professora Maria Arcangeli (CAS-MA).

A escolha desses materiais foi orientada por três critérios: (1) abordarem de forma explícita a relação entre surdez e ensino de História; (2) apresentarem propostas que envolvam o uso de Libras, cultura visual, ou tecnologias de acessibilidade; e (3) estarem disponíveis em plataformas acadêmicas, repositórios institucionais ou espaços públicos de difusão cultural. As buscas foram realizadas em bases como Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, *Google*, *Google* Acadêmico e repositórios da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e Universidade Federal do Maranhão (UFMA), utilizando os descritores: “História”, “surdez”, “Libras”, “letramento histórico”, e “Maranhão”.

tiagoveras@gmail.com, simonepinheiro301@gmail.com, jakson.77@hotmail.com

A análise dos materiais seguiu os princípios da análise de conteúdo (Bardin, 2011), visando identificar categorias temáticas e contradições presentes nos discursos educacionais. No entanto, mais do que classificar, o objetivo da análise foi problematizar: o que está sendo naturalizado como solução? Que vozes estão sendo representadas — e quais estão ausentes? A leitura crítica desses documentos buscou evidenciar os limites das práticas que se pretendem inclusivas, mas que reproduzem uma lógica de adaptação superficial ao sujeito surdo.

As categorias emergentes que organizaram a discussão foram: (a) o bilinguismo enquanto princípio ou estratégia; (b) a função da Libras e do *SignWriting* como mediações do conhecimento histórico; (c) o papel das lendas maranhenses como recurso didático identitário; e (d) os limites das práticas educativas em contextos ainda hegemonicamente ouvintistas. Com base nessa organização, a seção seguinte apresenta os principais referenciais teóricos e os achados do estudo.

3. Referencial Teórico/ Resultados

3.1 Epistemologias surdas e o deslocamento do eixo pedagógico

A surdez, enquanto diferença linguística e cultural, exige que os processos pedagógicos sejam repensados a partir de uma lógica visual e bilíngue — não apenas traduzidos ou adaptados à Libras. Segundo Quadros (2004), o bilinguismo na educação de surdos não se resume à presença de duas línguas, mas à centralidade da Libras como língua primeira (L1) e à legitimação de uma forma distinta de produzir e acessar conhecimento. Esse deslocamento teórico obriga o campo da educação — especialmente das Ciências Humanas — a abandonar o modelo centrado na oralidade e no texto escrito como formas privilegiadas de letramento.

Ao utilizar um sistema de escrita próprio da Libras pautado na visualidade, os estudantes surdos passam a ter igualdade de acesso aos recursos linguísticos, favorecendo o aprendizado da leitura e da escrita. O *Signwriting*, nesse contexto, atua como um instrumento pedagógico que permite à criança surda registrar e ler sinais de forma intuitiva, dentro de sua própria língua.

> A substituição da escrita a partir de uma língua oral-auditiva por uma escrita que dialogue diretamente com a Língua de Sinais, equaciona o fenômeno da descontinuidade e coloca as crianças surdas em igualdade na utilização de recursos linguísticos, favorecendo o processo de aprendizagem da leitura e escrita. Neste sentido, o *Signwriting* é um instrumento pedagógico capaz de equacionar a descontinuidade entre os atos comunicativos, pois a escrita de sinais é feita pelos surdos de maneira intuitiva em Língua de Sinais, com a escrita própria, e

> consequentemente, com a possibilidade de leitura dos sinais que compõe seu sistema linguístico (Novaes; Novaes; Moura, 2019, p. 796).

O reconhecimento da Libras como língua de instrução e do *SignWriting* como possibilidade de escrita visual se articula a uma proposta de emancipação linguística e epistêmica do sujeito surdo. Perlin e Strobel (2014) defendem que a história da comunidade surda não deve ser apenas contada por intérpretes ou professores ouvintes, mas construída por sujeitos surdos, a partir de suas práticas culturais, resistências e experiências visuais. Assim, o ensino de História, se pretende de fato inclusivo, deve operar a partir dessa base: não adaptar conteúdos, mas reconfigurar as formas de narrar, visualizar e viver o tempo histórico.

3.2 O letramento histórico na chave visual e bilíngue

O letramento histórico, entendido como a capacidade de ler criticamente o passado e compreender seus usos sociais no presente (Rocha, 2020; Lima; Kochhann, 2023), é um conceito que precisa ser revisto à luz das experiências dos estudantes surdos. Tradicionalmente vinculado à leitura de fontes textuais, ele exclui — por omissão — práticas de leitura visual, leitura de sinais e narrativas orais gestuais.

Nesse sentido, a Libras não deve ser apenas canal de tradução, mas forma legítima de construção da consciência histórica. Como aponta Gesser (2009), a visualidade é a base da cognição surda. Portanto, a aprendizagem histórica para esses sujeitos requer mais do que acessibilidade; requer currículos visuais, sinais-termo específicos, mediações culturais e protagonismo narrativo.

A obra de Pinheiro (2023) avança nesse debate ao propor o uso das lendas maranhenses em Libras como recurso para desenvolver o letramento histórico em estudantes surdos. Mais do que conteúdo folclórico, essas narrativas locais funcionam como dispositivos de pertencimento territorial e identitário. Ao serem traduzidas em Libras e registradas em *SignWriting*, transformam-se em ferramentas que articulam linguagem, memória e cultura visual.

3.3 Análise documental: práticas emergentes e limites estruturais

Na tabela 1 está o resultado da busca das produções acadêmicas e culturais que dialogam diretamente com a temática do ensino de História para surdos no Maranhão. Os materiais estão organizados por autor, título, ano de publicação e tipo de obra, evidenciando a diversidade de formatos e abordagens. A sistematização desses achados reforça a

relevância da produção regional na promoção de práticas pedagógicas inclusivas e evidencia um movimento crescente de valorização das narrativas visuais e culturais no contexto educacional maranhense.

Tabela 1 – Levantamento de obras sobre letramento histórico de surdos no Maranhão

Autor	Título da obra	Ano	Tipo
Beto & Nádia Nicácio	A lenda e as histórias de Ana Jansen	2021	Livro infantil
Andréa Pestana Pinheiro e Luinaldo da Silva Soares	O TILS e as terminologias das aulas de História no Ensino Médio	2021	Capítulo de Livro
Andréa P. Pinheiro; Rubens R. de Almeida; Ilka Márcia R. de S. Serra	O ensino das lendas maranhenses como recurso pedagógico para letramento histórico do estudante surdo	2022	Capítulo de Livro
Andréa Pestana Pinheiro	Letramento histórico de surdos: o ensino das lendas maranhenses em Língua Brasileira de Sinais por meio das tecnologias digitais.	2023	Dissertação de mestrado
Rubens Ramos de Almeida	Telasco e sua turma em: a lenda da Manguda	2023	Livro infantil

Fonte: Criado pelo autor

A análise documental revelou um conjunto de práticas que, embora localizadas e ainda incipientes, apontam caminhos importantes para uma educação histórica visual e bilíngue. Dentre elas, destacam-se:

- A contação de lendas maranhenses em Libras como prática de valorização da cultura local e de construção de consciência histórica;
- A produção de materiais acessíveis como A lenda e as histórias de Ana Jansen (Nicácio, 2021) e A lenda da Manguda (Almeida, 2023), ambos com versões em Libras e *SignWriting* – Pinheiro (2023) não analisa a lenda da Manguda que foi lançado posteriormente, mas inserimos aqui porque atende ao mesmo propósito;
- A criação de um *e-book* pedagógico bilíngue, voltado ao ensino de História para surdos no Ensino Médio (Pinheiro, 2023) – A proposta é fomentar junto aos professores de história do ensino médio um histórico mais visual;
- A realização de aulas de campo em Libras no centro histórico de São Luís, articulando território, memória e identidade (Pinheiro, 2023).

Apesar desses avanços, os documentos analisados também evidenciam fragilidades estruturais que limitam o alcance dessas práticas. A ausência de formação específica dos professores de História para o trabalho com estudantes surdos, a escassez

de glossários visuais com sinais-termo históricos, e a predominância de currículos ouvintistas são obstáculos ainda não superados.

Além disso, embora algumas iniciativas tenham adotado o *SignWriting* como recurso de registro, sua aplicação pedagógica ainda é marginal e pouco compreendida no contexto escolar. Em muitos casos, seu uso aparece como adorno visual e não como ferramenta de leitura e escrita plenamente integrada ao processo de letramento.

4. Discussão

A análise revela uma fissura entre o discurso da inclusão e a prática educacional no ensino de História para surdos. Iniciativas pontuais — como a tradução de lendas maranhenses para Libras ou a realização de atividades em espaços patrimoniais — têm sido celebradas como evidências de avanço. No entanto, quando examinadas à luz das epistemologias surdas, tais ações frequentemente operam como adaptações cosméticas de uma estrutura escolar ainda centrada em uma lógica ouvinte e escrita.

A presença da Libras, por exemplo, é tratada nas políticas públicas e em muitos materiais como um canal de acesso, mas raramente como um fundamento epistêmico. Ou seja, não se trata apenas de traduzir conteúdos para a língua de sinais, mas de reorganizar os conteúdos a partir da experiência visual e do modo surdo de significar o mundo. A ausência de currículos verdadeiramente bilíngues, construídos com e a partir dos sujeitos surdos, evidencia essa lacuna. Segundo Strobel (2008), para que a inclusão seja efetiva, é necessário romper com padrões estabelecidos pela normatividade ouvinte, indo além de meras adaptações superficiais do diferente em estruturas que permanecem inalteradas.

Outro ponto crítico diz respeito à função do intérprete educacional. Embora sua atuação seja central em contextos bilíngues, a realidade revelada pelos documentos indica que ele é, muitas vezes, alocado como tradutor improvisado de uma pedagogia não visualizada. A ausência de planejamento conjunto entre professor e intérprete, bem como a inexistência de sinais-termo para conteúdos específicos da História, obriga o intérprete a recorrer sistematicamente à datilologia, prática que fragmenta o discurso histórico e impede a construção de sentidos amplos por parte do estudante surdo (Pinheiro; Soares, 2022). Isso revela que, sem uma proposta pedagógica bilíngue integrada, a presença do intérprete pode, paradoxalmente, reforçar a exclusão.

As produções culturais analisadas, como os livros de Nicácio (2021) e Almeida (2023), representam rupturas simbólicas importantes. Ambas as obras utilizam a Libras não

apenas como ferramenta de comunicação, mas como linguagem narrativa legítima da história local. Diferentemente do que ocorre com muitos materiais bilíngues pontuais, essas publicações alcançaram reconhecimento nacional e estão listadas como referências no repositório do projeto Librando, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na seção de livros infantis bilíngues voltados ao ensino para surdos (https://librando.paginas.ufsc.br/livros-infantis/). Esse reconhecimento contribui para legitimar a produção regional maranhense como parte de uma proposta mais ampla de ensino bilíngue, voltado à contação de histórias em Libras e ao fortalecimento da cultura surda na educação básica.

Além disso, observa-se que o uso do *SignWriting* — presente em algumas dessas obras — vem ganhando espaço como instrumento de letramento visual. Embora seu uso ainda não esteja consolidado nas práticas escolares formais, há propostas em andamento que buscam fortalecer essa escrita como recurso legítimo de leitura e produção textual por sujeitos surdos. Trata-se de uma estratégia que une a visualidade da Libras à fixação gráfica do conhecimento, promovendo uma alternativa de registro e acesso ao conteúdo histórico. Conforme estudos recentes (Novaes; Novaes; Moura 2019), o *SignWriting* tem sido experimentado com sucesso em diferentes contextos educacionais e aparece como um campo promissor para o desenvolvimento de práticas bilíngues efetivas, respeitando a especificidade linguística e cognitiva da comunidade surda.

Por fim, o próprio conceito de letramento histórico, amplamente utilizado no artigo, precisa ser tensionado. Rocha (2020) e Lima & Kochhann (2023) oferecem definições que ainda partem da leitura e escrita em português como meios privilegiados de apropriação do tempo histórico. Pouco se discute sobre como sujeitos que não têm o português como L1 constroem noções de temporalidade, memória e identidade. O risco é o de se considerar letrado historicamente apenas aquele que se insere na lógica da leitura textual, perpetuando assim a marginalização dos modos surdos de conhecer.

Portanto, o que se revela não é apenas um problema de acesso ao conteúdo histórico, mas uma disputa por modos legítimos de produzir e expressar saberes sobre o passado. Superar essa disputa exige não apenas materiais acessíveis, mas a transformação do próprio paradigma de ensino de História — de um modelo textual-normativo para uma abordagem visual, gestual e culturalmente situada.

5. Conclusões

tiagoveras@gmail.com, simonepinheiro301@gmail.com, jakson.77@hotmail.com

Este artigo analisou práticas e discursos relacionados ao ensino de História para surdos no Maranhão, à luz do letramento histórico e das epistemologias visuais que estruturam a experiência surda. A partir da análise documental de produções acadêmicas e culturais, identificaram-se tanto iniciativas relevantes — como a utilização de lendas maranhenses traduzidas em Libras e registradas em *SignWriting* — quanto limitações estruturais que impedem o avanço de uma pedagogia de fato bilíngue, visual e culturalmente situada.

O objetivo do estudo foi compreender de que forma o ensino de História pode ser repensado a partir da experiência surda, superando a lógica da mera adaptação e avançando rumo a uma reconfiguração epistêmica dos modos de narrar, acessar e significar o passado. A metodologia qualitativa e documental permitiu tensionar práticas pedagógicas existentes, questionar o papel dos materiais acessíveis e evidenciar as ausências que ainda marcam o currículo escolar no que diz respeito à cultura e à linguagem surda.

Os resultados apontam que, embora existam práticas pontuais promissoras — como as desenvolvidas pelo projeto ComuniCAS e os livros acessíveis de Nicácio (2021) e Almeida (2023) —, ainda predominam obstáculos relacionados à formação docente, à escassez de sinais-termo específicos da área de História, à incipiência do uso do *SignWriting* como ferramenta de letramento e à ausência de protagonismo surdo na produção do saber histórico. Em muitos casos, o bilinguismo é implementado de forma instrumental, reduzindo a Libras à função de mediação, e não de produção do conhecimento.

A pesquisa contribui ao campo da educação inclusiva ao propor que o ensino de História não seja apenas acessível, mas estruturado a partir de uma matriz cultural visual. Isso implica considerar a Libras não como tradução do português, mas como língua de instrução, de criação narrativa e de elaboração conceitual própria. Implica também reconhecer o *SignWriting* como possibilidade legítima de registro da história pela via surda.

Entre as limitações do estudo, destaca-se a ausência de escuta direta de estudantes surdos e professores atuantes, o que poderia ampliar o alcance empírico da análise. Além disso, o corpus documental analisado foi intencionalmente focado em produções locais, o que restringe a comparação com práticas de outras regiões.

tiagoveras@gmail.com, simonepinheiro301@gmail.com, jakson.77@hotmail.com

Como encaminhamentos futuros, sugere-se a realização de pesquisas de campo com foco na recepção dos materiais acessíveis por parte dos estudantes surdos; a investigação sobre os efeitos do uso do *SignWriting* no desenvolvimento do letramento histórico; e o desenvolvimento colaborativo de glossários digitais em Libras com termos da área de História, construídos com participação ativa da comunidade surda. Mais do que ampliar o acesso, essas ações podem abrir caminho para que os sujeitos surdos se tornem autores e narradores de suas próprias histórias dentro e fora da escola.

tiagoveras@gmail.com, simonepinheiro301@gmail.com, jakson.77@hotmail.com

Referências

Livro

ALMEIDA, Rubens Ramos de**. Telasco e sua turma em: a lenda da Manguda**. Ilustrações de Fabio Selani. Tradução para Libras: Danielson Souza da Silva, Léa Cristina Ferreira Santos, Roselane Laíza Lima Martins et al. São Luís-MA: Viegas, 2023. Disponível em: https://www.signwriting.org/archive/docs14/sw1391_Telasco_Lenda_Manguda_Brasil_Nov2023.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf Acesso em 15 abr. de 2025.

NICÁCIO, Beto & Nádia. **A lenda e as histórias de Ana Jansen** [recurso eletrônico] / tradução para a Libras Rubens Almeida; tradução para o inglês Ana Cristina Santos; revisores Josenilson Mendes e Salma Fernandes Lima; ilustrações Fábio Selani. São Luís: Dupla Criação e Publicidade, 2021. Edição trilíngue: português, Libras e inglês. Disponível em: https://corpusels.paginas.ufsc.br/files/2021/02/A-lenda-e-as-hist%C3%B3rias-de-Ana-Jansen.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker**. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: EdUFSC, 2008.

Capítulo de livro

PINHEIRO, Andréa Pestana; ALMEIDA, Rubens Ramos de; SERRA, Ilka Márcia Ribeiro de Souza. **O ensino das lendas maranhenses como recurso pedagógico para letramento histórico do estudante surdo**. In: SERRA, Ilka Márcia Raika e Silva; MALHEIRO, Cícera Aparecida Lima (orgs.). **Estudos Avançados sobre a Educação de Surdos** – Volume 1. São Luís: EDUEMA, 2022. p. 11-39. Disponível em: https://www.fct.unesp.br/Home/Pos_Graduacao/-educacaoinclusiva/volume_1_completo_serra_malheiro_raika_2022.pdf Acesso em 15 abr. de 2025.

PINHEIRO, Andréa Pestana; SOARES, Luinaldo da Silva. **O TILS e as terminologias das aulas de História no Ensino Médio**. In: BARROS, Ricardo Oliveira; RIBEIRO, Arenilson Costa; ROSA, Marilda de Fátima Lopes (orgs.). **Perspectivas Maranhenses nos Estudos da Tradução e Interpretação de Libras**. São Luís: EDUEMA, 2021. p. 83-107. Disponível em: https://www.nau.uema.br/wp-content/uploads/2022/03/Perspectivas-Maranhenses-nos-Estudos-da-Tradu%C3%A7%C3%A3o-e-Interpreta%C3%A7%C3%A3o-de-Libras.pdf Acesso em 15 de abr. de 2025.

tiagoveras@gmail.com, simonepinheiro301@gmail.com, jakson.77@hotmail.com

Artigos em periódicos

LIMA, Jades Daniel Nogalha de; KOCHHANN, Andréa**. Letramento histórico: o ensino de História à luz da consciência histórica na era da informação**. Revista Docência e Cibercultura, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 232–250, 2023. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/68293/48321 . Acesso em: 15 abr. 2025.

NOVAES, Edmarcius Carvalho; NOVAES, Edmara Carvalho; MOURA, **Jéssika Rocha de. SIGNWRITING: a proposta de leitura para alunos surdos pela transcrição da língua brasileira de sinais.** Revista Inter Ação, [S.L.], v. 43, n. 3, p. 785-800, 12 mar. 2019. Universidade Federal de Goias. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5216/ia.v43i3.50212, Acesso em: 30 de abril de 2025.

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos**. Letramento(s) histórico(s): uma proposta plural para o ensino e a aprendizagem de História**. *Revista Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, v. 13, n. 2, p. 275–301, 2020. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/1061/pdf. Acesso em: 15 abr. 2025.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin**. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo.** Educar em Revista, [S.l.], n. -2, p. 17-31, 2014. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.37011. Acesso em: 15 abr. 2025.

Monografias, dissertações e teses

PINHEIRO, Andréa Pestana. **Letramento histórico de surdos: o ensino das lendas maranhenses em Língua Brasileira de Sinais por meio das tecnologias digitais**. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2023.